CYMÁRO SARGOS

# DELUBRO

CYMARO SARGOS

Ao poeta Mário ypiranga Monteiro, colega de boêmia carnavalesca de trinta e oito e talvez de trinta e nove. Of. seu amigo admº.

Cymaro Sargos

VII-38

# DEZEMBRO

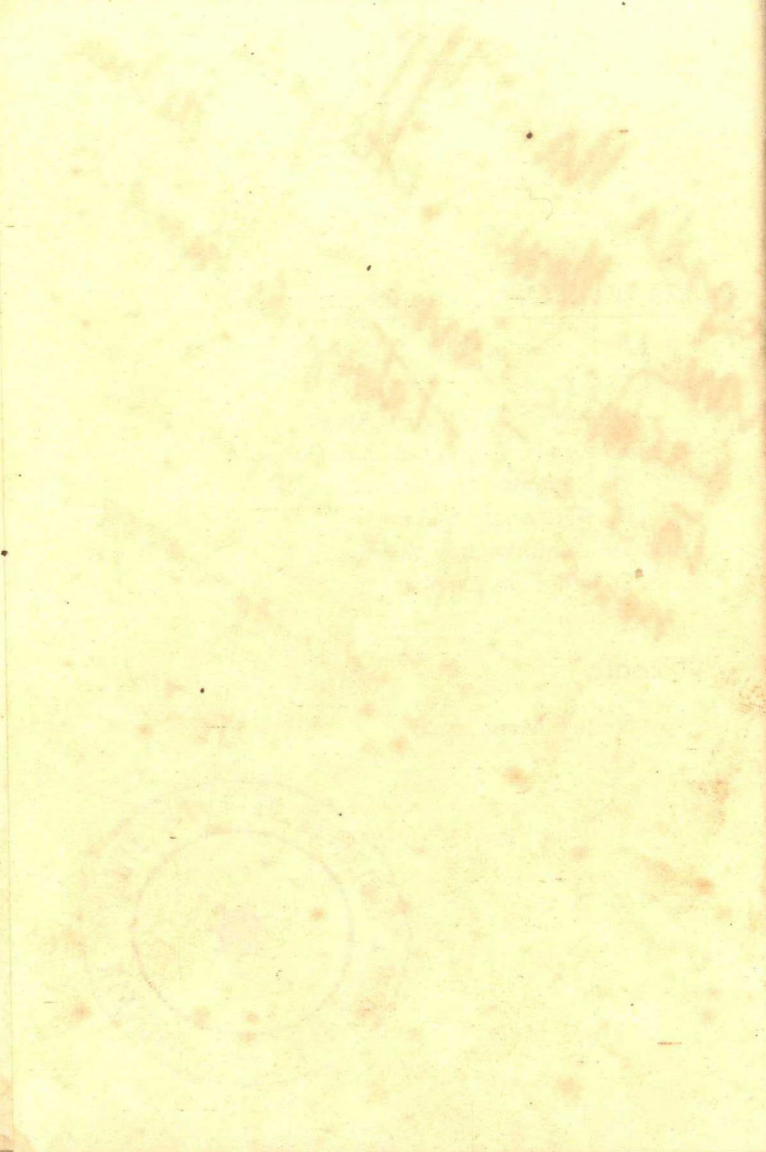


MCMXXXVIII
Manaus-Amazonas
Liv. NORMALISTA

DO AUTOR, em preparo:

Tia Carlota
Romance de Castro Alves
Excursão Romantica ao Purùs
O Romance de Christo
F. Frederico Munis
Os Jantares das Beatas
D. João de Sevilha

(Pronto)

Noites Manauense

# PROEMIO

Inculta produção da mocidade
Exponho a vossos olhos, oh leitores :
BOCAGE

Inculta produção da mocidade
Exponho a vossos olhos, oh leitores :
Temendo vosso dedo de maldade,
Que me pode causar futuras dôres.

Doce clemencia espero co' anciedade
De vos, minhas senhoras e senhores,
P'ra co' os frutos de minha mocidade
Que buscam um abrigo nú, sem flôres...

Perduae-me, leitores, se lhe o gosto
Ofendi... pois aquem de Futurismo
Meu pobre estro foi se colocar,

Receando escarrarem ao meu rosto,
Por seguir as leis do Conservadorismo :
Amar a Deus e a Arte p'ra triunfar!...

# A morte de Cazotte

Corre, nas largas ruas de Pariz,
A pobre populaça curiosa,
Para ver se é real o que se diz
De alguem de ventura desditosa.

Passa ligeiro nobre entre vis,
Almejando encontrar cena horrorosa:
Corre tambem, a ver que se prediz,
Dama lúrida, triste quão formosa...

Do cárcere ao pé a multidão
De um lado para outro alvoraçada,
A bradar fremebunda: sim! e ... não!

Pronto o cutelo, lamina afiada:
Entre risos e áis tinha o ancião
Cazotte sua cabeça decepada.

22/5/37

# BOCAGE

Em gloria converte-lhe as dôres da vida.

Porto Alegre.

No paupérrimo leito está deitado
O vate de Setúbal delirando!
Pois a fébre... seu corpo está queimando;
Então: canta... rí... chora... o desgraçado!

A sua quérula irmã está ao lado,
Afagando-lhe as faces e chorando!...
Frei Antonio Maria está resando
Para o alivio de Elmano, o malfadado.

— Bocage está morrendo! Alguem dizia,
Corre-lhe a multidão com anciedade;
E o ultimo falar já lhe fugia:

«—Outro Arentino fui... A santidade
Manchei!...Oh! Se me creste, gente impia
Rasga meus versos, crê na eternidade!»

Em 8/7/37.

# Jura Flórea

Que tens, que assim chorosa
suspiras entre as flores?
Teu sou,- . . . . . . . . . . . . . . .
G. DIAS

Eu vejo no teu triste rosto, ó querida!
A dôr que sente a tua alma acrisolada;
Vejo tambem: receio de seres burlada;
Mas temeres não deves... és minha vida.

Olha... eu vivo tal borboleta perdida,
Não em jardim florido, ou campina bordada,
Porem, no alto céu! do mundo despresada
Tal nocivo verme, que consome vida!...

Crê em mim, crê querida!...Que eu creio em ti
Tu és a luz da lua, e eu sou a luz do sol;
Queimo-te a castidade co'a luz dos meus olhos...

Sou, tal sérpe feroz! — tu, casta juriti!
Meu rosto é cadaverico e o teu arrebol.
Por que não estaes co'os anjos, e eu entre os abrolhos?

2/10/37

# A uma turca

Tu cuerpo es de una rara piedra preciosa
que Dios tiene con besos embalsamada,
y es tu sangre una fuente maravilhosa
que corre por tus venas divinizada.
Salvador Rueda

Perdoae, senhora, minha ousadia:
Mais vossa beleza me faz mui pensar:
Suponho-me turco errando na Turquia,
Na linda Stambul com vós a passear.

Julgo-me ricaço sultão que de dia
E de noite vive ébrio, louco a amar,
Suas lindas mulheres em horrenda orgia...
Porem, um dia, eu vos aprecio passar,

E digo entre mim... meu amôr derradeiro!...
E ordeno que comprem-vos ao meu harém!
Mas sou sabedor que sois de outro sultão!

Por isso, é que vivo neste desespero,
Sem ter o almejado afecto...mas tambem
Fiz-vos prisioneira de meu coração.

28/8/37

# A VISINHA

Nec sum adeo informis;
VIRGILIO

Consola-me este horror, esta tristeza:
Porque a meus olhos se afigura a morte
No silencio total da natureza.
BOCAGE

Criança, hontem por casualidade,
Eu te vi debruçada na janela,
Então que fui notar, não é maldade;
Mas sou tão velho e feio! Tu, nova e bela.

Ora, hontem na minha mocidade,
Eu era D. Juan, era uma estrela
De mais acrisolada claridade!
Mas, hoje...ai Jesus! ninguem quer vel-a...

Senti forte pulsar meu coração
E meu pávido corpo em febre ardente,
Indo-se consumindo lentamente.

Ausculto a natureza, mas em vão,
A causa desta dôr! ou inquietação,
Que a mim me deixa assim amargamente,

Em 9/9/37

# Seio de marmore

Minha alma hoje é um sepulcro escuro e feio.
Luiz Delfino

Mulher, de quem herdaste tamanha crueldade?
É possivel que não seja teu peito humano,
Para me causar tão horrendo desengano,
No primeiro sonhar de minha mocidade!?

Temes talvez que não haja sinceridade
No meu pedir? ao qual chamaste profano?
Mas tal classificar, minha amante, é um engano . . .
Nesse teu pessimismo, só ha—impiedade.

Quem está debaixo deste sol espera um dia
Conquistar tudo que almeijara com ardor.
Pois, neste meu sonhar, espero-te mulher

Para nós delirarmos numa doce orgia!...
Meu Deus, quando eu sentir as azas do meu amor,
Não deitarei mais uma lagrima se quer.

Em 11/11/37

# Sempre sonho

Que mimoso prazer! Teu rosto amado
Me raiou na alma! . .
Filinto Elisio

O peito meu pulsa fortemente,
E meu corpo palido estremece.
Ante a luz do olhar incandescente
Do meu amor, que mui me ennobrece.

A boca mimosa sua não mente:
Feita para beijos, me parece,
E se me sorrir sempre contente...
O seu seio alvo me enlouquece

De avidez, d'amor para o beijar...
Quando chegará este grão dia?
Que doçura! ver-se realizar

Um sonho, chiméra, fantasia...
Ela nos meus braços abrincar,
Eu a direi: ha muito assim te via.

19/10/37

# Casada ou solteira

«A mulher sabe perfeitamente que todo o amor, por muito puro e poetico que seja, depende mais do fisico que do moral.

TOLSTOY

Hoje fui a missa em S. Sebastião,
Aliviar minha alma libertina.
Eu, ali, no meio de tanta alma divina,
Senti leve e candido meu coração.

Assim porem nessa purificação,
Que eu supuz ser desmaseada fina,
Perdido entre vírago, moça e menina,
Eu estava sem norte...sem direção...

Finda a missa sái toda piedosa gente;
Vejo u'a mulher—primasia verdadeira,
E beleza símil não me ocorre á mente.

Seu divino olhar parece de estrangeira,
Mas com taes vestígios não fico contente;
Queria saber se é casada ou solteira.

1/11/37

# Garrett amoroso

. . . no seio palpitante,
Na espadua nua se accende..
Amor lascivo que offende.
GARRETT

## QUADRO UNICO

( A cena se passa no século passado,
Na bela Coimbra, terra dos amôres,
Num quarto pequeno, modesto e asseado ;. . .
Ali, o estudante idolo das *flôres*,
A' mesa abancado, engolindo a sebenta...

A Francisquinha, filha da sua hospedeira,
Entra com pesinho de lã, disfarçando,
Algo procurando... Nota a brincadeira,
Lesto se levanta, vai porta fechando,
Ela de temor cheia quiz se esquivar ):

Deixa-me, João,
Pelo amór de Deus!
Não sejas vilão
Do amôr dos paes teus;
Que me trouxe aqui,
Foi um objecto,
Que, não sei, perdi,
Mas, ái, se projecto. . .

G.: Deixa-te de história, deixa de ser fina,
Eu entendo o falar de teus olhos, menina;
Vamos, Francisquinha, da-me cá um beijo . . .
Não fujas de mim! Mata-me meu desejo.

F.: Solta-me, João;
Mamã aí vem.
G.: Pois vou vel-a...Não,
Não... Não é ninguem.

*(Ela cái nos seus braços).*

Abre os olhos; deixa eu os beijar...
Oh! como estão as tuas faces a corar!
Tens temor de mim?... Dize-me Francisquinha!
Afroxa o corpinho que hoje serás minha...

(Cerra-se a janela;
Eu e tu, leitor,
Ouvimos a bela
Sorri-se de amôr).

**1/11/37**

# A uma flôr seca em um album

(Traduzida de Lamartine)

Recordo-me que para as praias era,
Que me atraia um céu de meio dia,
Sem mancha e sem procela...
Ali... sob a folhagem que tremia
Eu aspirava um ar de primavera!

Um salço, que nenhuma fralda havia,
Ao horizonte cerùleo se deitava.
A laranjeira, a árvore festiva,
Sobre minha cabeça então nevava:
E da selva perfume ao céu subia.

Proxima a uma coluna tu crecias
Dum templo derruido pelos os anos,
Ali, tu lhe servias de corôa:
Eras símil a um tronco sem encantos
Co'os muitos capiteis, que tu os tremias.

Flôr! que estava a ruina a embelezar,
Sem teres pr'a te contemplar um geito!
Colhi teu oloroso e branco estame,
E coloquei-o em cima do meu peito
Para mim teu aroma suspirar.

Céu, praia, templo e tudo que eu via,
Sumira-se, sem mais a mim voltar!
E o teu aroma? está na zona etérea.
'Stou as folhas do album a virar,
Que me fazem lembrar um belo dia.

13/7/37

# ELEGIA

A' MORTE DE HAMILTON CIDADE

Mas entre os anjos do céus
Faltava um anjo ao seu Deus ;
GARRETT

Oh, flôr mimosa
Desvesventurada,
Que foi ceifada
Inda em botão!

Eras o adorno
Do tabernáculo;
Eras o oráculo
Da juventude.

O teu perfume
Se confundia
Com a harmonia
Celestial.

Eras a esp'rança
Mui gloriosa,
Mas foi esquivosa,
Mas foi frustada.

Encantada alma
Jeová te déra,
Que em primavera
Volvera ao céu.

# A uma artista

Só tu tens o segredo dos arroubos,
Das novas emoções que nos implantas:
Que dôr é esta? que desejo é este,
Que sentimos arder quando tu cantas?
Tobias Barretto

O genio é um colosso multiforme!
Ora é anjo de fogo que crepita:
—Encendiando a cabeça do poeta amante,
Quando lhe surge u'a mulher bonita!

O lutar das idéas—é infernal;
Quando um olhar fita outro olhar que fita.
Será compaixão? odio? furia? amor? ou escarneo?
Sendo um olhar de mulher bonita.

Se nosso ídolo é tal nòs vivente
E estranha nossa crença?... Oh que maldita
Recompensa! E se tem garganta de serêia
E o corpo ebúrneo de mulher bonita?...

Ai, meu Deus como sou louco varrido!
A natura de meu ser é maldita!
Meu ideal—Ashaverus, sonhador e errante,
Escravo inútil de mulher bonita!

2/5/38

# Que se afigura ao amor

(Traduzido de Thomas Middleton)

O amor... é socegado como a ovelha!
O amor... é tão feroz quanto o leão,
Que fugido do amor, sem parelha,
Combate enfurecido... e foge então.

O amor... é uma fogueira tão fremente.
E, nem por isso, deixa de ser gelo.
O poder que possui é mui potente!
E a derrota é maior — levanta pêlo!

O amor... sempre vive muito mal;
Mas se lhe foge o momento extremoso...
O amor até parece ser real,
Entretanto é um grande mentiroso:

Dá-nos uma estação primaveril,
Porem, maior é o tédio que nos manda..
De mais, o amor não é coisa pueril!
Mas, verdadeiramente, não é nada.

11/7/37

# Amada e temida

Meu pensamento segue o passo teu.
C. Alves

Onde vivo? que não sei onde estou! Perdido?
Perdido, sim, na avidez amorosa,
Vitima do menino alado — o deus Cupido,
Que faz-me errar em noite fria e tenebrosa.

Oculto-me do mundo; ficando isolado.
Sinto-me perseguido por uma creatura,
Cujo odor da sua carne me deixa inebriado
E na mente gravada sua formosura.

Ela é uma quiméra, mas tambem é real.
Quiméra — quando acordo-me sobressaltado.
Vendo o seu rosto lindo...rosto de vestal,
Roçar ao rosto meu num sonho aventurado.

Real — quando eu a vejo tal qual eu me vejo,
Seu porte altivo, seu rosto sem sorriso,
Até me faz fugir méra idéa d'um beijo
E o letífero sonho de estar no paraizo.

*
* *

Minha alma tão ardente, hoje derrotada;
Antes de iniciar belona a minha amada!
Ruidosa chicotada da desarmonia
Infernalmente fel-a não me compreender...
Amo e não sou amado — eis meu triste viver:

8/10/37

# HESPANHA

(Fragmento)

"O monstro sanguinario da vingança.
Disfarçadas as garras e a cabeça
Tem logar d' honra alli,"

T. RIBEIRO

Hoje em Hespanha, rege a metralha,
Distroe tudo... distroe vida humana!
E' tudo confundido com a metralha..

. . . . . . . . . . . . .

Outrora, em Andaluzia
O bravo toiro corria
Em demanda do tou eiro;
O arrojado aventureiro,
Sem se cansar de correr,
Ainda podia vér
De sua amada a mantilha,
Verdadeira maravilha,
Pois alem de bem bordada,
Mantinha-se perfumada.
Já o touro ao chão caido,
Apoz um fundo gemido,
Tendo cravado o florête ..
O herói retira o colete,
Alî, as moças formosas,
Lhe orfertaram bonitas rosas
Lá adiante o espera,
Seu amor, sua quiméra,
Passa-lhe o braço, uma aza.
E o leva para casa,

Para a alcôva o conduz,
Onde o lústre deita luz,
O leito com arte ornado,
Coberto do cortinado:
Está o amoroso ninho,
Sobre tapete de arminho...
Ela sente o seio arfante
Pelo o praser delirante;
Ambos se abraçam sem pejo
E saceiam seu desejo...

Há tres séculos em Sevilha,
A terra da maravilha,
Onde é divina a manhã,
Vem á luz o D. Juan,
Que ao som das castanholas
Beija todas hespanholas;
A' noite, salta balcão,
A fazer declaração
Ardentemente amorosa
A toda mulher formosa!

. . . . . . . . . . . . . . . . .

Labaredas infernaes consomem Hespanha
A terra gloriosa, a terra d'arte,
Que cuja maravilha é tamanha
Que lhe tem perenal inveja Marte.

E' triste... é horrivel ver-se as freiras
Nas mãos dos libertinos maltratadas;
Presas e profanadas as primeiras
E as restantes... as ultimas! coitadas...

. . . . . . . . . . . . . . . . .

2/7/37

# A voz do Judeu

Os homens, seus irmãos, flagella e opprime
A. Herculano

Anoitece, neblina e de quando em quando passa um vento glacial. Um mendigo curvo dos muitos anos e misérias sofridas, está sentado á uma porta de um «bar» da escól, onde ricas senhoras de espadua núa se divertem quase ébrias geme de dôres e fome e ninguem lhe houve :

A loisa fria já me quer ocultar
Da luz do dia, que pouco deliciei;
As horrendas Párcas me querem cortar
Os fios da vida que pouco amei.

Meus algozes olham me tão jubilados
De meu fado negro tal o de Leopardi!
Tristes deles. Julgan-se tam bem fadados,
Mas cuja glória até cinza lhe arde...

Nasci na Grécia e sou mero plebeu!
Mendiguei na Rússia...mendiguei em França...
Cuspiram-me ao rosto, por eu ser judeu:
E assim vivo: mísero e sem esperança.

Só tu, branca morte,
Me pode levar,
Com um firme corte
Ao santo pomar.

Oh! Jeová, pai do povo de Israel,
Cedei-me o sagrado cétro de Moisés,
Para mim queimar esse povo cruel,
Para vos temer caíndo aos vossos pés.

Adonai! vós sois mais sabedor do que eu,
Que este vil povo que te vái orar,
Não segue as divínas leis do filho teu:
Só vos vái a igrêja o luxo pompear.

Nunca da esmóla a famínto mendígo!
Mas, pelo contrario, rouba-lhe o que tem;
Assim talqualmente fizéra comígo...
Peor fez a Cristo em Jerusalem! ...

Chova do infiníto,
A prága chovída
No profano Egíto
E me leve a vida.

27/1/38

# NOTAS

## Nota. I)— A MORTE DE CAZOTTE

"... si as suas derradeiras vozes são um acto de amôr a Deus e ao rei, essa cabeça, separada do tronco pelo cutelo, caiu nas paginas sanguenta da historia com uma aureola de beatificação."

C. C. Branco

Foi este soneto publicado na revista *Labor*, e diversas pessôas tomaram o personagem por Thedoro José Julio Cazot, e me acoimaram de pantomina, uma irrealidade na vida do politico francez.

Palrar sem fundamento é o melhor meio de sonhar. Jacques Cazotte, nascera no primeiro quarto do seculo XVII — em Dijon (França); estudou no colegio de Jesuítas. Foi comissário da Marinha em Paris, depois se passou para Martinica (onde em 1902 uma erupção vulcânica destruira a bela cidade de S. Pedro); aí militou o encargo de verificador das Hes-sous-le-vent; e

casou-se com Elizabeth Reignan, genita do supremo juiz de Martinica.

Possou-se, juntamente com a esposa, para França, para receber a herança que lhe deixou um irmão que lhe falecêra.

Publicou: *A Oliveira, Lord Improvisado, Amores do Diabo, Contos árabes, A Moreninha ingleza*. Todos no gosto da época: fantásticos, porem sem os arroubos dos romanticos, pela razão de serem todos filosofos. Voltaire deu *Candido*, Montesquien, *Templo de Guido,* Diderot, *Passaro branco,* e o nosso Cazotte *Amores do diabo;* tudo criação, todavia particularmente original.

Já octogenário, Cazotte tem tamanha afeição pelo o seu rei Luiz XVI, que chega dizer: «tem a mais franca alma que saiu das mãos de Deus». A carta onde estavam estas palavras foi que lhe levou ao cutelo.

Neste em meio, a população vil invade Tuilleries aprisiona o rei e a real familia que são encarcerados na prisão do Templo; ali a favor do rei, lutava um filho de Cazotte.

Entre as correspondências cosfiscadas de Laporte foi encontrada a anátena carta.

Foi preso com a filha... Uma noite quando o cevo Maillard, que presidia o sagnário tribunal, vociferou a sentença:

— Cazotte!... «A la Force».

Esta impiedosa e deshumana sentença foi

ouvida da filha que, neste momento saía, com outras lindas, lúridas e chorosas prisioneiras, e num louco ímpeto de amor filial, correu ao páteo e atirou-se entre os dois carniceiros verdugos, ao pae, e implorou a turba mísera serenisada com a impressionante cena o perdão ao pae. Foi atendido.

Liberto; teve a visão: o fim do seu destino nas mãos dos homens.

E Foi. No patíbulo, apoz entregar ao cabelos tosqueados ao seu confessor para entregar a filha que estava enclausurada; pronunciou em voz serena, soante e alta:

— «Moro como vivi: fiél a Deus e ao meu rei.»

Foi ás 7 hs. da noite de 21 de Setembro de 1791, na praça Carroussel.

Nota II) GARRETT AMOROSO

Era nesse tempo João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett estudante de direito da Universidade de Coimbra, estava em plena flôr da mocidade e capaz de qualquer usadia semelhante. Esta cena foi verídica e a encontrarmos no livro, *O romance de Garrett* da autoria de distinto escritor José Osorio de Oliveira.

Nota III) - «A' MESA ABANCADO ENGOLINDO A SEBENTA»

Aqui «engolindo» está na acepção do estudando.

Sebenta: são as aulas de cada professor da secular, tradicional e afamada Universidade de Coimbra, em folhinhas litografadas em formato 8.º—.

**Pedidos e correspondencia ao autor deve ser enviado á «Livraria Normalista» - Av. 7 de Setembro, 963.**

# ERRATAS

O autor é mal revisor, dizia o H. Campos, e mui acertado: pois por mais que se esmere na revisão fica sempre máculas.

Pag. 6. verso 5.°, onde se lê nobre, leia-se nobres. Pag. 21, 3.° verso, onde se lê metralha, leia-se mortalha. Na mesma pag. 21, verso 19, onde se lê orfertaram, leia-se orferta.

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

## Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura